

A afirmação da linguagem visual

Comemoram-se os 40 anos de actividade de uma escola formada por arquitectos que idealizaram um modelo de ensino da arquitectura numa abordagem ao projecto distinto das suas congéneres e é esse modelo que tem colocado a FAUP num plano tão distinto das outras escolas.

Fernando Távora, fundador e mestre, entendia que as áreas nucleares se distinguiam pelo projecto, desenho e história; percurso que levou internacionalmente ao cognome de “Escola do Porto” motivado por uma didáctica que sempre privilegiou o binómio desenho/projecto, transmitindo a ideia de que projecto é desenho e desenho é projecto como muitos arquitectos ainda prescrevem.

As áreas nucleares propostas por Távora, apesar de baseadas nos princípios do modernismo, indiciam uma conjuntura de articulação dos fundamentos projectuais onde a associação do real com a memória e o imaginário determinam outro modo de olhar sobre o espaço. Este modo de ver, analisar, pensar e dar a ver o espaço encontra-se em consonância transversalmente dependente da linguagem visual que o desenho em potência origina.

Foram os princípios fundadores que determinaram o distinto percurso da FAUP, assim como determinaram uma abordagem projectual diferenciada de outras escolas ao fomentar a articulação do novo com o antigo sem contradição, mas em perfeita harmonia enriquecida pela presença e afirmação do registo gráfico como modo distinto de pensar o espaço. Alexandre Alves Costa há poucos anos relembra, no Brasil, que «foi com base na aceitação do princípio metodológico de que o desenho é um instrumento privilegiado no processo de projetar em arquitetura que se fundamentou a pedagogia do projeto na chamada “Escola do Porto”. Foi isso que lhe conferiu sua especificidade mais vincada.»¹.

O percurso traçado pelos mentores do projecto da escola de arquitectura do Porto, apesar de muito diferente das outras escolas, demonstrou que a linha seguida delineou um modo muito específico de abordagem ao projecto que é apreciado internacionalmente.

Penso que é sobre este percurso inigualável que a reflexão deve incidir e que nos conduz a colocar várias questões: Quais os principais motores desse distinto processo? O que

¹ Costa, Alexandre Alves, *A viagem, in Risco* – revista de pesquisa em arquitectura e urbanismo, Universidade de São Paulo (IAU-USP), v15 nº2 – segundo semestre de 2017, ISSN 1984-4506, p. 32.

tem distinguido a “Escola do Porto” das outras? Na actualidade, o espaço pensa-se de outro modo? A integração da realidade com as ideias, na sua essência, não resulta do mesmo tipo de processo de pensamento e registo? Qual a melhor meio para observar, pensar e comunicar o projecto? O antigo e o novo entraram em conflito? A nossa relação com o espaço mudou?

Estas e outras questões colocam-se perante os desafios e a aparente contradição que os tempos informáticos e digitais apresentam em confronto com o analógico. Contudo, como na época de Távora, estes desafios não necessitam de entrar em contradição, mas apenas de ser entendidos como meios distintos para se chegar a um fim, em que cada um deles tem o seu próprio espaço e momento para articular o vasto mundo da representação no processo de aprendizagem.

A questão principal que se pode levantar para que este processo se realize é saber como transmitir a linguagem visual ao estudante de arquitectura? Qual o melhor processo para que estude e compreenda a literacia visual? Será, pois, através das imagens que irá pensar e comunicar as ideias. Com o advento da tecnologia tende-se a ultrapassar fases de aprendizagem porque, supostamente, todos sabemos lidar com as imagens e a linguagem visual. Mas, e se colocarmos a questão para outro tipo de linguagem? O que aconteceria se não aprendêssemos as letras, as palavras e a gramática da linguagem oral e escrita? No caso da linguagem visual nunca se coloca esse problema porque temos a ideia de que é demasiado fácil trabalhar com os elementos gráficos e plásticos. Aparentemente muito simples, mas de grande complexidade.

Neste sentido, revela-se de enorme importância a aprendizagem da linguagem visual de modo analógico para qualquer estudante de artes e arquitectura como sendo fundamental, porque este tipo de linguagem é o que mais nos aproxima das sensações psicofisiológicas e da apreensão do mundo e das coisas.

A dimensão ontológica e a ressonância dos elementos plásticos é de tal ordem que nos aproxima do mundo das sensações como se vivêssemos o próprio desenho ou a imagem como uma realidade factual e sensorial, porque é disso que se trata, vivemos intensamente de sensações. No desenho conjuga-se a intuição e a razão com traços e manchas, aparentemente muito simples, transmitindo a percepção psicofisiológica do mundo e das coisas que, de alguma maneira, exprime o que fomos, o que somos e o que poderemos vir a ser.

É nesta associação da linguagem visual com o pensamento arquitectónico que seguimos as opiniões de Pallasmaa: «as ideias arquitectónicas surgem de “um modo biológico” a partir do conhecimento existencial não conceptualizado, mas vivido, em vez de partir das meras análises do intelecto. Os problemas arquitectónicos são demasiado complexos e

profundamente existenciais para serem tratados de um modo exclusivamente conceptualizado e racional. (...); encontram-se alojadas na realidade vivida dos costumes e nas antiquíssimas tradições do ofício»².

O ensino do desenho propõe a prática de uma linguagem visual que exige o conhecimento de uma literacia que lhe é própria, não se tratando apenas da representação pela representação como execução técnica, mas de dotar o desenhador da capacidade de pensar autonomamente através da representação gráfica por processos sensíveis e racionais.

Um simples de desenho de frutos (fig. 1) aparentemente não tem nada a ver com a arquitectura, mas se lhe prestarmos um pouco de atenção, observamos que desenvolve noções e conceitos que estão implicitamente relacionados com o pensamento arquitectónico, apresentando distintas noções em simultâneo: escala, proporção, medida, espaço, luz, cor, volume, entre outras. Conceitos que se encontram no complexo alfabeto que conforma a *gramática* da linguagem plástica em associação com outros, como o limite, o equilíbrio, o plano, a ordem, o enquadramento, a composição, etc.



Figura 1. Carina Sousa, lápis de cor, A3, 2019-2020.

É através destas matérias e conceitos transmitidos em Desenho I que se prepara o estudante de arquitectura para o desenvolvimento de uma linguagem própria que decorre na unidade curricular do 2º ano, permitindo a combinação do real e da imaginação próprio da

² PALLASMAA, Juhani, *La mano que piensa – sabiduría existencial y corporal en la arquitectura*, GG, Barcelona, 2012, p. 12 (T. A.).

inventiva arquitectónica. O desenho da figura 2 e 3 parece distante da figura 1, no entanto, além dos conceitos mencionados se verificarem nas 3 imagens, propõe-se colocar em prática e desenvolvimento uma linguagem que nos coloca mais próximo das ideias e das sensações onde o conhecimento anterior é fundamental. Desenvolver uma linguagem própria para que o estudante pense e articule autonomamente as ideias é complexo e precisa de tempo. Esse tempo de aprendizagem acompanha o ritmo do corpo, da sensação à razão, da cultura visual à expressão, do entendimento e sensibilização dos fenómenos da luz e da cor, do sentido do olhar ao enquadramento, da sensação da linha do horizonte à estabilidade física do próprio corpo em confronto com o espaço; uma infinidade de conceitos que advêm do próprio corpo e que encontram a relação psicofisiológica nos elementos plásticos e visuais.

Desenhar, implica aprofundar e colocar em prática os conceitos acima descritos em concordância com outros aspectos que propõem um jogo paradoxal entre a sensação e a razão, a saber: o sentido do olhar, a medida, a linha do horizonte, a perspectiva, o enquadramento, a tensão produzida pelos elementos plásticos e as próprias imagens.

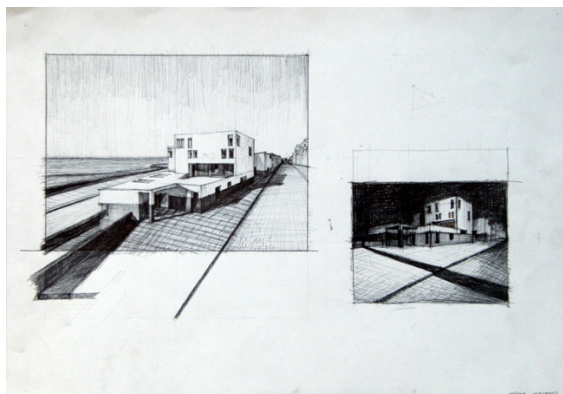


Figura 2. Ariana Marques, A3, 2008-2009

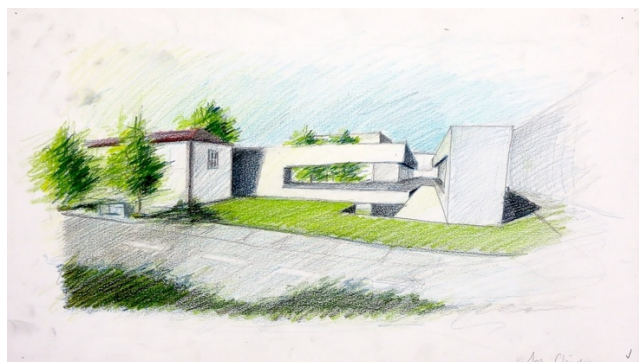


Figura 3. Ana Cláudia Costa, A3, 2018-2019

Ensinar e instaurar a prática do desenho como meio de registo das coisas e do pensamento coloca em permanente confrontação o mundo daquilo que se observa e vive com o mundo das ideias. Universos aparentemente díspares fundem-se, através da linguagem gráfica e plástica, num jogo de ressonâncias múltiplas para dar a ver e associar o visto e o não visto, o visível e o dizível, assim como o invisível e o indizível. Mas, também, para investigar o mais elementar do ser, da intuição à razão, das sensações à ordem, da visão à memória ou da racionalização à poética.

José Manuel Barbosa, Abril 2021